

## ***Produção de sentido: modelamento de arquitectura mental e “blending”***

Maria Clotilde Almeida (Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) (in print)

“Human blending operates in cultural time, rather than in evolutionary time”.

Mark Turner, *The Origin of Ideas, Blending, Creativity and the Human Spark*, 2014, p.20

### 1. Considerações gerais sobre a semiótica cognitiva

Partindo do pressuposto fenomenológico de que o nosso corpo sente o mundo e é perpassado por ele, a semiótica cognitiva de inspiração peirciana, conforme preconizada por P.A. Brandt (2004) e P.A. Brandt e L. Brandt (2005). Este enquadramento teórico estabelece que o acto de semiose, necessariamente enquadrado numa enunciação, decorre num contexto comunicativo em que o locutor dinamicamente integra o interlocutor na própria construção da mensagem por ele veiculada, tendo por base a inscrição fenomenológica do sujeito no mundo.

Na óptica dos referidos autores, arquitectura mental do significado emerge de um Espaço de Base, em que o locutor veicula um enunciado tendo em vista um interlocutor específico, processando-se mediante o mapeamento de um Espaço de Referência à luz de um Espaço de Apresentação, regulado por cenários de Relevância, o conjunto de cenários culturais que balizam a produção de sentido. Deste entrecruzamento regulado culturalmente entre a Referência e Apresentação nasce o Espaço Virtual em que determinado Espaço de Referência é configurado à luz do Espaço de Apresentação, a partir do qual eclode, por inferência, um determinado significado intendido no Espaço de Significação, necessariamente diferente do Espaço Virtual, que deve ser compreendido como o significado intendido pelo interlocutor no acto comunicativo, conforme o diagrama abaixo:

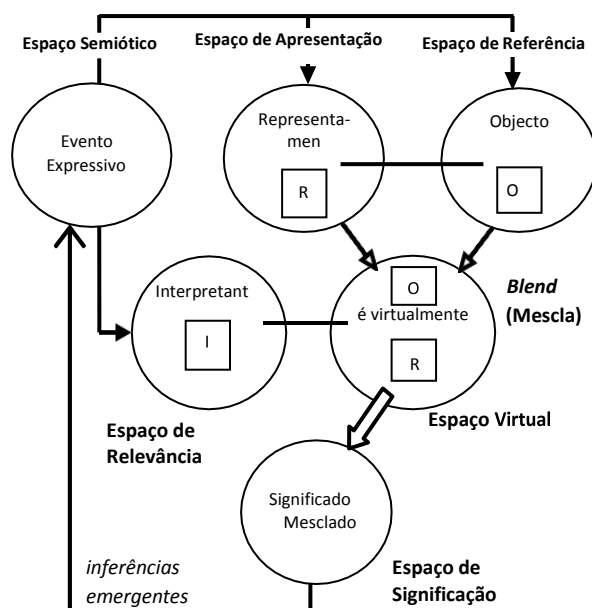


Diagrama 1-Diagrama do Modelo Semiótico de Redes de Espaços Mentais  
(tradução de Sousa 2011:76)

Sublinhe-se que o modelo semiótico brandtiano, orientado para a desmontagem da arquitectura mental do sujeito na produção textual, se fundamenta no postulado geral da cognição humana enunciado por Gibbs (1999: 153 ): “A cognição acontece quando o corpo entra em contacto com o mundo” (tradução nossa de “Cognition happens when the body meets the world”), pelo que cada vez que tal ocorre estamos perante um contexto comunicativo novo, bem como perante a eventualidade de se veicular uma mensagem com um significado particular.

Portanto, um acto de semiose não consiste num acto comunicativo enquanto produção mecânica e totalmente previsível. Muito pelo contrário, abre-se ao enunciador um leque de possibilidades de construção do significado que decorrem do facto de enquanto seres humanos sermos dotados de “uma mente artística” (“The Artful Mind”) (cf. Mark Turner 2006), que tende a trilhar caminhos de intersecção conceptual na produção discursiva, cultural e artística.

Contudo, estamos bem longe de poder aceitar que a construção de significado decorre de elementos linguísticos de volatilidade e variação extremas, ou seja, que estão inequivocamente fora do nosso controlo semântico. Tal deve-se, em larga medida, ao facto de nos pautarmos por padrões abstractos da experiência, os denominados esquemas imagéticos, que dão consistência e coerência espaciais às nossas experiências físicas e culturais, independentemente das nossas línguas e culturas, sob a forma de metáforas orientacionais, tais como MAIS É PARA CIMA e, em ordem contrária, MENOS É PARA BAIXO (Lakoff/Johnson 1980/2003: 23).

É na base destas metáforas orientacionais que reconhecemos que, na organização social, PODER É PARA CIMA e NÃO PODER É PARA BAIXO (Goatly 2007: 35-36). Digamos, então, que a nossa mente humana (dos sujeitos mentalmente saudáveis) não anda à deriva, mas antes converge, no plano intersubjectivo, na produção de sentido, com outras mentes com as quais possui afinidades linguístico-culturais. Tal deve-se ao facto de a cultura ser constituída por diversos “frames”, que integram modelos cognitivos/culturais e que se encontram ancorados em episódios da história e da cultura, sujeitos a variação no contexto intralinguístico e interlinguístico (Kövecses 2005 88-130; 2006: 85-87).

Por hipótese, para os falantes de língua portuguesa não é culturalmente compreensível que os chineses conceptualizem o riso usando a expressão “sobrancelhas alegres e olhos sorridentes e com as sobrancelhas alegres”. xǐ méi xiào yǎn (喜眉笑眼) na base da metáfora ESTAR FELIZ É ESTAR COM AS SOBRANCELHAS ALEGRES E OS OLHOS A SORRIR (cf. Liao Yiran 2017).

Também não será fácil para falantes do português entenderem que preços muito baixos em alemão sejam veiculados pela metáfora lexicalizada *Bärenpreise*, (literalmente em português “preços de urso”). De facto, esta expressão metafórica veicula precisamente o oposto do valor negativo que atribuímos em expressões com este animal em Português Europeu, como por exemplo “Este meu primo é um urso! com o sentido de “estúpido” ou “cretino”. Logo, as idiossincrasias culturais são, de facto, uma clara fonte de divergência a nível conceptual que impede a tradução literal das realizações metafóricas ou de expressões convencionalizadas, como as que acabámos de mencionar (cf. Almeida 2016 b: 10-13).

## 2. Delimitação do conceito de integração conceptual

Assinale-se que existe uma diferença substancial entre metáfora conceptual e o de “blend”, entendido enquanto produto de uma integração conceptual. A mesma radica precisamente na diferença conceptual entre “domínio semântico” e “espaço mental”. É dos mapeamentos entre domínios semânticos que brotam as metáforas conceptuais, conforme postulado por Lakoff/Johnson (1980), “a essência da metáfora é vivenciar ou entender uma coisa à luz de outra coisa” (tradução nossa de “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another”).

Já o “espaço mental” não é apenas uma representação linguística, mas antes um constructo cognitivo produzido no contexto de uma enunciação. Portanto, um “blend”, resultado da integração conceptual de dois espaços mentais de input, para além de ser altamente flexível, opera a vários níveis de abstracção. Registe-se ainda que é extensível a muitas áreas da cognição, tais como processos de

raciocínio e tomadas de decisão, e também a todas as áreas de criação artística e cultural (Turner 2006:11).

Para explicar com clareza o processo de integração conceptual, tomemos como exemplo alguns produtos artísticos e/ou de design mundialmente conhecidos, respectivamente, o *Mae West Lip Sofa* concebido por Salvador Dali em 1937, vermelho em forma de lábios ou o sapato de salto alto *Marilyn*, em formato gigante, constituído integralmente por muitas pequenas painéis, concebido pela emblemática artista portuguesa contemporânea Joana de Vasconcelos.

Tratando-se de produtos artísticos concebidos por um processo de mesclagem, não herdam directamente a sua configuração a partir dos elementos de input que os compõem nos espaços de input (Fauconnier/Turner, 1996, 2002). No primeiro caso de mesclagem artística de um produto de design, o sofá vermelho *Mae West* da autoria de Salvador Dali é configurado por integração conceptual deste com a imagem mental dos lábios da Mae West, diva sedutora do cinema americano dos anos 30 e 40 do século XX.

No segundo caso de mesclagem artística, o gigante sapato de salto de cor prateada Marilyn, emerge da intersecção conceptual entre a imagem mental deste objecto da indumentária feminina sofisticada relativo ao mundo exterior e um conjunto de objectos da prática culinária quotidiana, as painéis, relativo ao mundo doméstico interior. Em qualquer dos dois casos referidos, o entrecruzamento conceptual de diferentes mundos sob a forma de diferentes materiais para dar vida a um novo objecto de arte provoca no público uma reacção emotiva por despertar os nossos sentidos para novas formas de experiência sensorial e cultural.

Na nossa óptica, estes objectos artísticos mesclados configuram actos semióticos da *mens facit saltus* (cf. Almeida 2002), uma vez que emergem de processos de mesclagem em que a sua significação enquanto produtos artísticos constitui um “salto mental” relativamente os espaços de input envolvidos, uma vez que constituem uma forma inovadora de mesclagem por compressão temporal e espacial de entidades de diferentes espaços físicos e de diferentes dimensões temporais (Fauconnier/Turner 1996, 2002).

Porém, há que tecer uma distinção entre o modelo de Integração Conceptual de Fauconnier/Turner (1996; 2002) e o modelo de Redes de Espaços Mentais (Brandt 2004; Brandt/Brandt 2005). Parece-me da maior importância frisar que a compressão espaço-tempo, e logo também causa-efeito, entre outras, é passível de explicar a mesclagem como um processo cognitivo criativo, como é o caso dos produtos mesclados acima (Fauconnier/Turner 1996, 2002), sendo um dado comum ao modelo de integração conceptual, bem como ao Modelo de Redes de Espaços Mentais de Brandt (2004) e Brandt/Brandt (2005).

Porém, as diferenças entre estes dois modelos de integração conceptual, que serão apontadas extensivamente adiante, residem fundamentalmente na diferenciação da natureza específica dos espaços mentais no Modelo de Redes de Espaços Mentais brandtiano, em número total de seis, em contraponto à indiferenciação da natureza dos dois espaços mentais de input, que por intervenção do Espaço Genérico, concorrem para a construção da mescla, na abordagem das redes de integração conceptual de Fauconnier/Turner (1996, 2002).

Para ilustrarmos as virtuosidades da análise semiótica cognitiva enquanto ferramenta de análise de textos, passaremos à análise de algumas ocorrências retiradas da obra “Jogar Futebol com as Palavras: imagens metafóricas no jornal “A Bola”. Nesta obra, as duas primeiras ocorrências foram analisadas na perspectiva da semiótica cognitiva brandtiana em Almeida et al. (2013), ao passo que a terceira que foi objecto de análise multimodal de texto/imagem por Almeida/Sousa (2015).

#### (1) Taça UEFA

##### *Quatro olhares a caminho do paraíso*

***Dança com Dragões Quatro dragões na dança da euforia mal o FCP colocou o carimbo no passaporte para o final da taça UEFA: Manuel Serrão e Pôncio Monteiro, adeptos sempre com ironia e pimenta na ponta da língua; Silva Peneda, ex-ministro de Cavaco Silva e Administrador da SAD; Artur Jorge, treinador da conquista do primeiro pedaço de imortalidade. (A Bola 25.4.2003)***

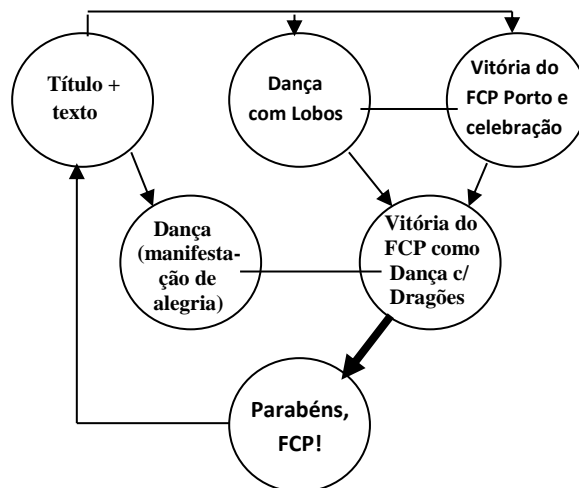


Diagrama 2- Rede Semiótica de Espaços Mentais (cf. Almeida 2005:564)

**(2) Como é doce este D. Rodrigo! (A Bola 28.1.2007)**

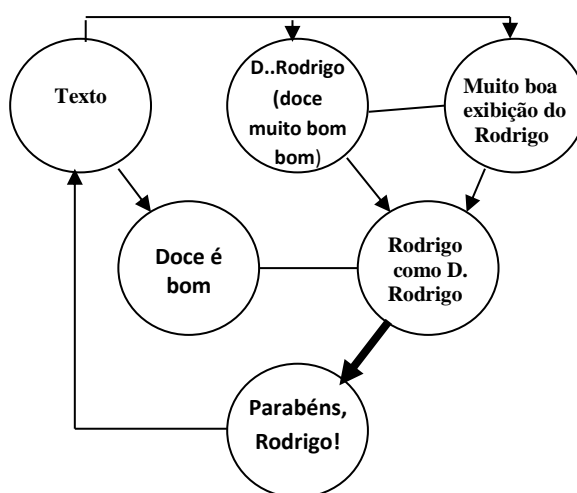


Diagrama 3- Rede Semiótica de Espaços Mentais (cf. Almeida 2011:136; Almeida et al. 2013: 57-58).

**(3) Portugal 1-0 Suécia**

**Ronaldo**

***Libertou-se da teia sueca e mergulhou para o Brasil***

***Grito de Ipiranga***



Figura 1- Análise multimodal do “Grito do Ipiranga” (Almeida/Sousa 2015; Almeida 2016: 92)

As três ocorrências de composições mescladas acima, extraídas do jornal *A Bola*, são ilustrativas da compressão de relações vitais que vigoram nos processos de mesclagem. Em (1), a mescla decorre do processo de compressão espaço-tempo, uma vez que se verifica um hiato temporal e também conceptual entre a produção do filme *Dança com Lobos* de 1990 e o jogo de futebol em que o

Futebol Clube do Porto saiu vitorioso, em 2003, representado metonimicamente pela dança enquanto uma manifestação de alegria.

Em (2), a imagem mesclada que resulta da integração de um excelente doce da região portuguesa do Algarve, o D. Rodrigo, com a excelente performance do jogador Rodrigo no campeonato português de futebol em 2007, também configura uma compressão de espaço, o doce é do Algarve e faz parte integrante do património gastronómico português e, como tal, é um produto gastronómico intemporal, em contraponto, o jogo de futebol é necessariamente datado. Esta imagem mesclada assume contornos particularmente de elevada criatividade ancorados no jogo fono-simbólico que tem por base uma base nominal (quase) idêntica para o jogador de futebol e para o doce algarvio.

Em (3), estamos perante uma representação mesclada mapeando um facto histórico, o Grito do Ipiranga, que marca a celebração da declaração da independência do Brasil da coroa portuguesa na pessoa de D. Pedro, no grito de celebração de Cristiano Ronaldo, que também marca um facto histórico do apuramento da selecção portuguesa para o Campeonato de Mundial no Brasil. É inegável que se regista uma compressão espaço-tempo, mediante integração conceptual com um claro hiato temporal entre o século XIX, em que se proclamou a independência do Brasil, e o século XXI em que este jogo de futebol teve lugar.

Porém, não se trata apenas de uma mesclagem meramente criativa, mas de uma imagem mesclada de tipo contrafactual, dado que foi construída ao arrepio da cronologia de factos reais, neste caso particular deste episódio concreto da Independência do Brasil. É por demais evidente que desta mesclagem emerge um novo significado que tem por base o grito do Ipiranga, mas, desta vez, na boca de Cristiano Ronaldo, o que constitui uma alegre celebração do apuramento de Portugal para o Campeonato Mundial de Futebol de 2015 no Brasil.

A este passo é necessário traçar uma distinção entre o Modelo de Integração Conceptual (Fauconnier/Turner 2002) e o Modelo de Redes de Espaços Mentais (Brandt 2004; Brandt/Brandt 2005). Em linhas muito gerais, o primeiro incide sobre a construção do significado pelo ser humano em diversos domínios da actividade humana, enquanto o segundo se centra sobre questões de interpretação de enunciados produzidos em situações comunicativas diversas.

Concretamente, o modelo de integração conceptual assume que a configuração mesclada resulta do entrecruzamento parcial entre dois espaços mentais de input, que configuram constructos *in loco*, tendo por base um Espaço Genérico comum. Contudo, o produto de mesclagem não emerge, de forma directa, mas resulta se um esforço mental de compatibilização enunciativa de mapeamento de dois espaços de input mediante monitorização das dimensões comuns do Espaço Genérico, conforme sublinhado por Fauconnier/Turner (1996:116): “ There is a component of originality and on creativity that can only be comprehended if the specific purposes of the blend are taken into account”.

De modo diferente, o modelo de redes de espaços mentais brandtiano, composto por seis espaços diferenciados, decorre essencialmente duma abordagem pragmática que envolve dados linguísticos autênticos, produzidos em situações comunicativas reais sobre a forma de enunciados ou de texto escrito. No contexto da construção do modelo brandtiano de Rede de Espaços Mentais reconhece-se uma direcionalidade nos mapeamentos do domínio-fonte para o domínio-alvo, na senda da direcionalidade dos mapeamentos do domínio-fonte para o domínio-alvo da metáfora conceptual, conforme preconizado por Lakoff/Johnson (1980). O modelo em apreço configura um Espaço Semiótico de Base ou Espaço Discursivo na base do qual se produz(em) mapeamento(s) selectivo(s) de entidades ou eventos entre o Espaço de Apresentação e o Espaço de Referência, monitorizados por ordens de Relevância, conducentes à um Espaço Virtual a partir do qual emerge, por inferência, o significado.

Centrando-nos no exemplo (re-)analisado por Brandt/Brandt (2005) “This surgeon is a butcher!” reconhece-se claramente que este cirurgião (Espaço de Referência) é configurado à luz do Espaço de Apresentação como um talhante (em Português Brasileiro, o açougueiro). Registe-se que o mapeamento entre ambos os Espaços só é possível em face de ambos usarem instrumentos cortantes, respectivamente para fazer uma incisão no doente e para cortar a carne. Temos de levar em linha de conta que esta representação tem de ser dotada de relevância do ponto de vista da situação representada pelo enunciado, a fim de que o mesmo veicule um produto semântico contextualizado (Brandt/Brandt 2005). De facto, nem todos os cirurgiões são talhantes/açougueiros, pelo que este enunciado emerge do significado intendido do paciente que, por hipótese, se queixa ao interlocutor das cicatrizes da intervenção que se afiguram demasiado visíveis ou profundas, o que denuncia a falta de ética profissional do cirurgião.

Em contraponto ao Modelo de Integração Conceptual, o Modelo de Redes de Espaços Mentais configura dimensões de Relevância que integram uma série de cenários culturais, cuja função cognitiva reside em monitorizar os mapeamentos entre o Espaço de Apresentação e o Espaço de Referência, no seio de um determinado contexto comunicativo específico. Sem dúvida que os cenários de Relevância se revestem da maior importância enquanto actos de semiose situada, que abrangem vários níveis de abstracção, desde o segmento experiencial mais abstracto, consubstanciado por um esquema imagético ou a conjugação de diversos esquemas imagéticos, ou por um cenário cultural concreto do Natal, que apresenta variações assinaláveis de país para país (Almeida 2011, 2012).

Socorremo-nos, assim, do exemplo abaixo, analisado pelo prisma da semiótica cognitiva em Almeida e al (2013). De antemão, gostaríamos de o situar no cenário cultural de relevância do Natal português, época do ano em que a notícia sobre este jogo foi publicada, fora da qual esta representação mesclada não faria qualquer sentido:



(4) ***A Fava saiu ao Dragão. Imaginem uma fava gigante na garganta do Dragão.*** (A Bola 22.11.2007) (Almeida 2011; Almeida et al. 2013:58)

Só a partir da activação deste espaço de Relevância da quadra natalícia em Portugal, é que a derrota do Futebol Clube do Porto (FCP) neste jogo de futebol, no Espaço de Referência, configurada à luz de “uma fava gigante na garganta do Dragão” no Espaço de Apresentação pode ser construída virtualmente, com a intenção comunicativa de veicular um significado de desagrado relativamente ao resultado negativo do evento desportivo em apreço:

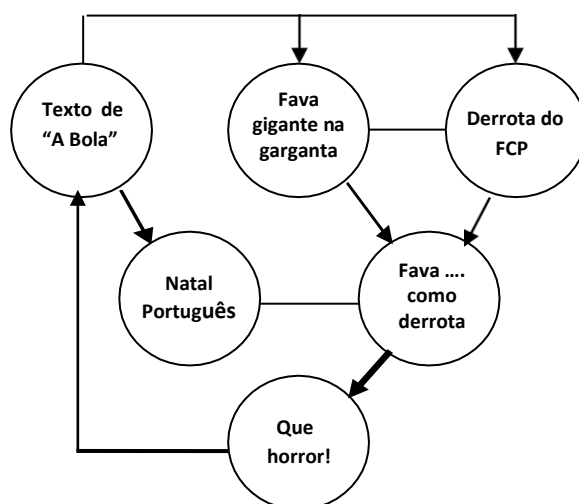


Diagrama 4- Rede semiótica de Espaços Mentais  
(cf. Almeida 2011:131; Almeida et al. 2013:58)

No plano cultural assinala-se que o cenário do Natal português engloba vários componentes de entre os quais destacamos o consumo do doce típico do Natal, o bolo-rei, que, na receita tradicional, até há bem pouco tempo, costumava ter um pequeno brinde, embrulhado em papel de seda, e um não-brinde, uma fava. O conviva não bafejado pela sorte, a quem calhasse a fava, teria de pagar o bolo-rei do próximo Natal.

Portanto, esta imagem mesclada só faz sentido se for relevantemente enquadrada no cenário do Natal português, dado que o mapeamento entre o Espaço de Apresentação, que contempla o cenário da Fava na Garganta do Dragão e o Espaço de Referência relativo à derrota do Futebol Clube do Porto, aqui referenciado pelo seu símbolo, o Dragão, só pode ser entendido à luz deste enquadramento cultural muito específico. É pois natural que os não portugueses, ao lerem esta notícia do jornal desportivo “A Bola”, não consigam entender cabalmente o significado deste produto mesclado.

Em suma, a semiótica cognitiva (Brandt 2004; Brandt/Brandt 2005) constitui uma poderosa ferramenta de análise de actos de semiose, ao consubstanciar uma visão integrada das arquitecturas do significado situado, envolvendo, na sua

abordagem, questões de cognição em contextos comunicativos reais, enquadrados no tempo e no espaço, que reflectem necessariamente as dimensões culturais que lhes estão associadas.

### 3. Outras aplicações do Modelo de Redes de Espaços Mentais a posturas textuais

Não podemos deixar de reconhecer afinidades entre o modelo de Espaços Mentais e a teoria da metáfora conceptual, relativamente ao papel fundamental dos mapeamentos entre domínios no caso da teoria da metáfora conceptual ou entre os Espaços Mentais da Referência e da Apresentação, no caso do Modelo de Redes de Espaços Mentais. Na óptica de Fauconnier (1997:1): “Os mapeamentos superintendem as ligações entre espaços mentais, tempo e modo, contrafactuais analógicos, correspondências e mesclas” (tradução nossa de “Mappings underlie and are largely responsible for mental-space connections, tense and mood, analogical counterfactuals, matching and blends”).

Contudo, também não podemos relevar o facto de que, em situações comunicativas, a mente humana dotada de uma imensa agilidade e criatividade é capaz de construir cenários imaginados de elevada complexidade que só podem ser dissecados mediante recurso a um modelo teórico necessariamente ancorado na relação entre significado metaforicamente produzido em contexto comunicativo, mas necessariamente monitorizado por cenários culturais de diferentes graus de abstracção.

Dado que postulámos que o modelo da semiótica cognitiva permite uma análise adequada da arquitectura mental subjacente a construções de elevada complexidade, não queremos deixar de por em destaque algumas teses de doutoramento elaboradas sob a óptica da semiótica cognitiva que foram desenvolvidos no contexto da Universidade de Lisboa a saber, sobre a construção metafórica da identidade empresarial *online* (Órfão 2010), sobre representações metafóricas na imprensa desportiva alemã *online* (Sousa 2011). Acrescente-se ainda uma tese de doutoramento-sanduíche PUC-Minas/UL, sobre o discurso político dos presidentes brasileiros de Romison Paulista de 2017 que se socorre parcialmente do enquadramento da semiótica cognitiva na desconstrução do significado intencional do discurso político presidencial brasileiro.

Para além dos trabalhos académicos mencionados, foi publicada sob a égide da semiótica cognitiva, em regime de parceria Almeida/Sousa/Órfão/Teixeira (2013), a obra *Jogar Futebol com as Palavras: imagens metafóricas no jornal “A Bola”*, já anteriormente referida, que consiste na análise semiótica de um acervo seleccionado de títulos metafóricos recolhidos no jornal desportivo *A Bola*, entre 2001 e 2013.

Em cada um destes trabalhos científicos de longo curso ficou comprovada a operacionalidade do modelo da semiótica cognitiva brandtiana na análise de extensos corpora vários domínios do conhecimento, mas poremos em destaque o facto da sua operacionalidade também se estender ao domínio da tradução na qualidade de ferramenta de verificação das correspondências semânticas entre o texto de partida e o texto de chegada, no âmbito do modelo de redes semióticas de Espaços Mentais.

Em Almeida (2011 e 2016), advoga-se que os domínios semânticos de Brandt (2004) constituem uma ferramenta de aferição da fiabilidade dos textos traduzidos mediante constatação da preservação dos domínios semânticos do texto de partida em domínios semânticos equivalentes no texto de chegada. Quando tal acontece, pode aferir-se de que se trata de uma tradução do texto de partida, ao passo que quando tal não acontece trata-se de uma transcrição do texto de partida, e não de uma tradução do texto de partida.

A operacionalidade da semiótica cognitiva enquanto ferramenta de aferição das correspondências no acto de tradução interlinguística entre texto de partida e texto de chegada, no âmbito do Modelo Semiótico das Redes de Espaços Mentais foi explorada na dissertação de mestrado em Tradução de Rita de Cássia Arantes que, aplicando o referido modelo à análise confrontativa dos textos originais e das suas traduções, enveredou pela análise de alguns Sonetos Ingleses de Fernando Pessoa e respectivas traduções para Português Europeu, de 2011.

Dado que estes textos se afiguram de elevada complexidade no que respeita às arquitecturas cognitivas, só é possível apresentar, no presente capítulo, uma única análise de uma micro-rede semiótica em inglês e a respectiva tradução para Português Europeu, da autoria de José Blanc de Portugal, publicada, numa edição bilingue, em 1974 na editora Ática, com prefácio e notas de Jorge de Sena. Para maior comodidade de leitura, o texto do *Sonnet I* e respectiva tradução para Português Europeu, sob a designação de *Soneto I*, serão apresentados adiante em versão integral.

A nível de pressupostos teóricos semiótico-cognitivos, é da maior importância sublinhar que é na dimensão da Relevância que se encontra a chave da construção das unidades semióticas analisadas, tal como preconizado por Brandt (2004) e Brandt/Brandt (2005). Assim, Arantes, na senda de Almeida (2012) e Almeida et al. (2013), considera que são diferentes esquemas imagéticos enquanto padrões abstractos da experiência constantes dos cenários culturais da Relevância que superintendem as construções mescladas ao longo do todo o *Sonnet I*. Logo, a metodologia de análise das traduções reside na verificação se estes cenários de Relevância compostos por esquemas imagéticos, no contexto do Modelo de Redes de Espaços Mentais, são mantidos na tradução do referido soneto para Português Europeu.

Relativamente à temática abordada neste soneto, trata-se da relação entre o “self” e o corpo que é abordada metaforicamente por Gibbs (2005: 20), na senda do postulado de Lakoff/Johnson (1999:275) de que os conceitos metafóricos que entram na representação do “self” decorrem de experiências corporais variadas no mundo físico e social.

De todas as correlações entre o “self” e o corpo elencadas por Gibbs (2005) destacamos a correlação entre o sentido de controlo do “self” e o nosso controlo de contentores, conforme a metáfora SELF CONTROL IS HAVING THE SELF AS A CONTAINER apresentada por Gibbs (idem). Como iremos ver abaixo, desta imagem metafórica reside na activação do esquema imagético do contentor no Espaço de Relevância, o que isola o “self/contentor” dos outros “selves/contentores”, dado que toda a sua acção mental ou física se torna intransponível na comunicação oral ou escrita. Sublinhe-se ainda que toda a arquitectura do soneto parte do pressuposto cognitivo, aqui negado por ser impossível, de que COMMUNICATION IS ENTITY TRANSFER (Gibbs 2017:33).

Contudo, a representação do ser humano como contentor reveste-se da particularidade de que os seres humanos são vectores de força que, contrariamente ao que costuma ocorrer na representação do esquema do bloqueio (Johnson 1987), não conseguem vencer a barreira que representa o próprio contentor. Assim sendo, Arantes assinala que esta imagem de impedimento à progressão para além do contentor-corpo é configurada na base da activação do esquema imagético do BLOQUEIO enquanto cenário de relevância que impede o fluxo da comunicação entre os seres.

*Sonnet I*

**Fernando Pessoa**

*Whether we write or speak or do but look  
We are ever unapparent. What we are  
Cannot be transfused into word or book.  
Our soul from us is infinitely far.  
However much we give our thoughts the will  
To be our soul and gesture it abroad,  
Our hearts are incommunicable still.  
In what we show ourselves we are ignored.  
The abyss from soul to soul cannot be bridged  
By any skill of thought or trick of seeming.  
Unto our very selves we are abridged  
When we would utter to our thought our being.  
We are our dreams of ourselves, souls by gleams,  
And each to each other dreams of others' dreams.*

Para situarmos a análise semiótico-cognitiva, começaremos por nos reportar à análise de Arantes que assinala a constância da imagem do CONTENTOR na Relevância a vários passos do soneto. Tomemos como exemplo nas seguintes

expressões constantes dos primeiros versos do soneto “we are (ESPAÇO DE REFERÊNCIA) “unapparent”(ESPAÇO DE APRESENTAÇÃO)”, “Cannot be transfused into word or book” (ESPAÇO DE APRESENTAÇÃO) para representar, tendo por base a imagem do corpo como contentor na Relevância, no ESPAÇO DA SIGNIFICAÇÃO a complexidade do ser humano encerrado que não é passível de ser vertida em palavras ou textos.

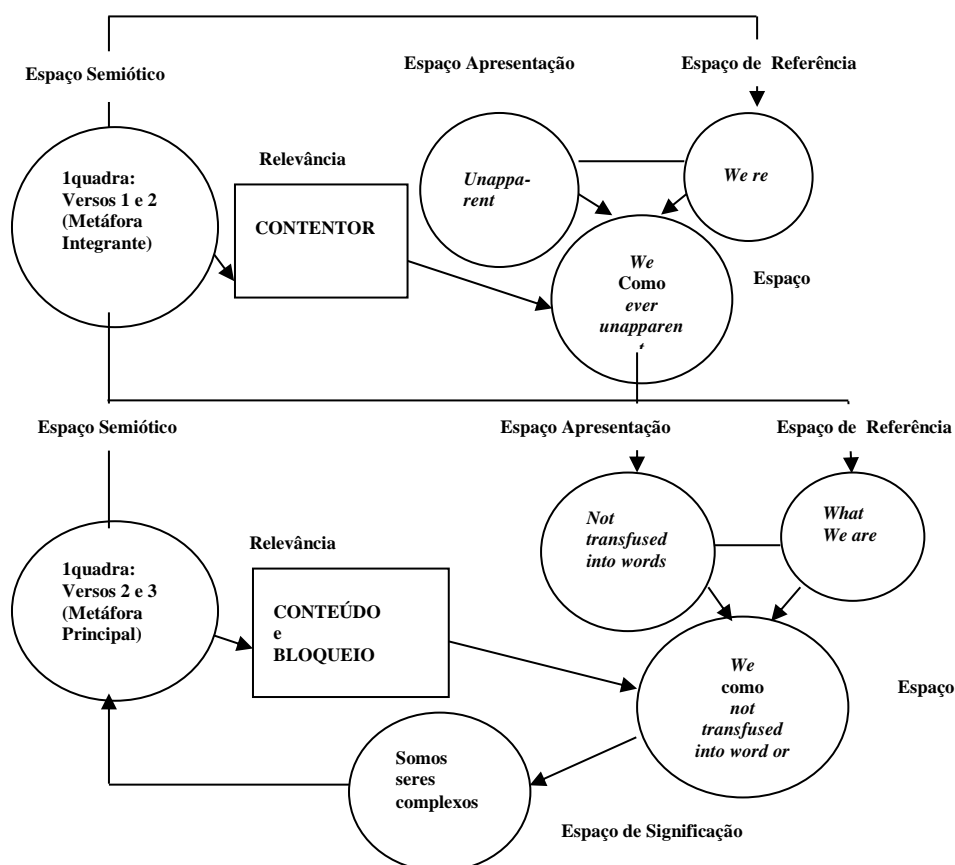


Diagrama 5- Rede semiótica complexa de Espaços Mentais (adapt. de Arantes 2011:65; 2017:275)

Assim sendo, o âmago do ser é intraduzível, ou seja, inacessível aos outros seres, em face da complexidade do ser humano.

Relativamente à tradução desta parte inicial do *Sonnet I* para Português Europeu, é notório que a mesma preserva as dimensões de Relevância do ser humano enquanto CONTENTOR supostamente intransponível apresentadas no original inglês bem como o significado entendido pelo autor no texto de partida “Sempre inaparentes somos” nosso ente não pode verbo ou livro em si conter”, independentemente do arranjo textual do soneto traduzido, conforme abaixo.

**Soneto I de Fernando Pessoa**

**Tradução: José Blanc de Portugal**

Seja falar, escrever, olhar sequer,  
**Sempre inaparentes somos. Nosso ente**  
**Não pode, verbo ou livro, em si conter.**  
A alma nos fica longe infindamente.  
Pensamentos que dermos ou quisermos  
Ser alma nossa em gestos revelada  
Coração cerrado fica o que tivermos,  
De nós mesmos é sempre ignorada.  
Abismos de alma a alma intransponíveis  
Por bem pensar ou manha de o parecer.  
Ao mais fundo de nós irredutíveis  
Quanto ao pensar o ser queremos dizer.  
Sonhos de nós, as almas lucilantes,  
E duns pra outros sonhos doutros antes.

Os esquemas imagéticos envolvidos na conceptualização do micro-segmento textual na língua-alvo da tradução, destacados no texto acima, o do CONTENTOR e do seu interior O CONTEÚDO, são sobrepostos com o esquema do BLOQUEIO, dado que este consubstancia um vector de força que é bloqueado por uma barreira, mas que a consegue ultrapassar, até certo ponto, como se ilustra nos últimos versos do poema em questão.

De facto, estamos perante a activação da instanciação da “Conduit Metaphor” (Reddy 1993), uma vez que a comunicação humana é concebida metaforicamente como uma transferência de pensamentos e sentimentos humanos para as palavras, tendo por base o esquema do contentor: “Communication consists in finding the right word-container for your idea-object, sending this filled container along a conduit or through space to the hearer, who must then take the idea-object out of the word-container” (cf. Johnson 1987:59).

Observemos através da análise sob a forma de micro-rede semiótica equivalente em Português Europeu comprovação da justeza cognitiva da tradução através da aplicação do modelo brandtiano de Redes de Espaços Mentais. O modo de comprovação da equivalência interlinguística reside na activação de cenário experiencial de Relevância no texto de chegada, de forma equivalente ao texto de partida.

Postula-se, assim, que o processo de tradução em equivalência envolve a preservação dos cenários experienciais/culturais da Relevância do texto de chegada no texto de partida enquanto reguladores das arquitecturas cognitivas que constituem os alicerces das posturas textuais.

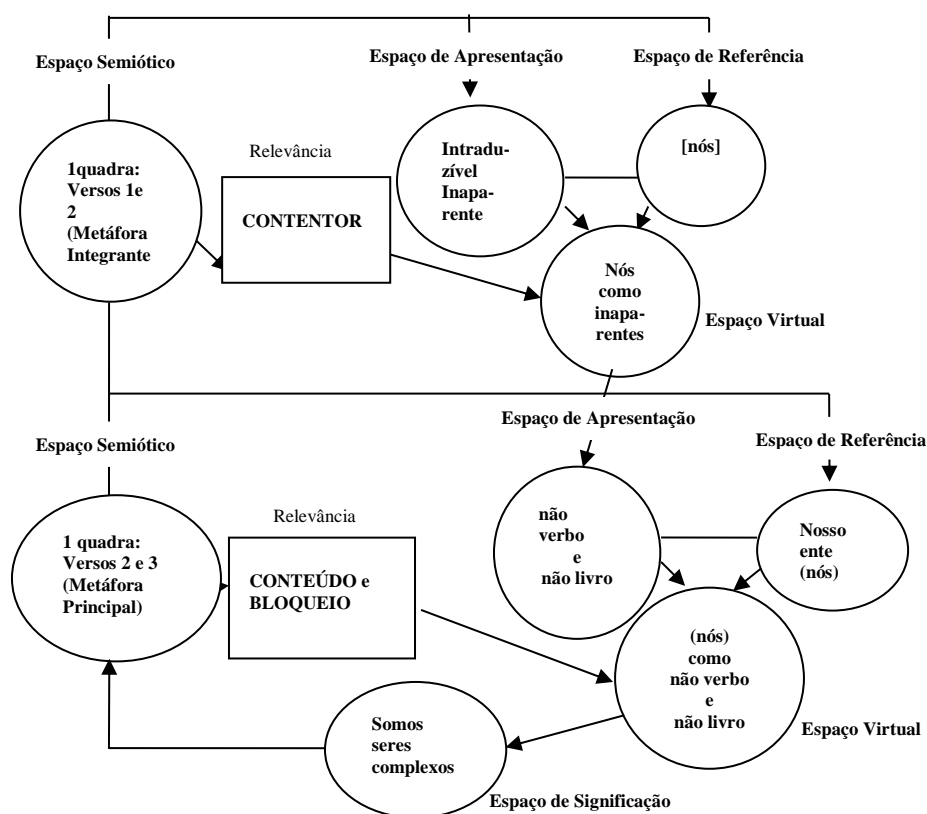


Diagrama 6- Rede semiótica de Espaços Mentais (adapt. De Arantes 2011:73; Arantes 2017: 280)

Conforme se constata a partir do diagrama 6, foi possível comprovar que o Modelo brandtiano de Redes de Espaços Mentais configura uma ferramenta de aferição das posturas textuais em confronto interlinguístico. Logo, permite-nos verificar a justeza do processo de tradução do inglês para o Português Europeu que envolve a realização textual equivalente de mesclagens diversas, cuja estruturação conceptual decorre da activação mental de esquemas imagéticos na Relevância.

Em suma, reiteramos que o modelo de Redes de Espaços Mentais configura uma ferramenta de aferição da tradução do referido soneto. Desta forma foi possível descortinar a intrincada arquitectura do *Sonnet I* e da sua tradução no *Soneto I* de Fernando Pessoa que visam representar a complexidade, intraduzibilidade e impenetrabilidade do ser humano, tendo por base a activação na RELEVÂNCIA dos esquemas imagéticos CONTENTOR E BLOQUEIO na micro-rede semiótica aqui analisada. Nas demais micro-redes semióticas do *Soneto I* analisadas por Arantes

(2011, 2017), descortina-se a activação na RELEVÂNCIA dos diversos esquemas imagéticos (CONTENTOR, PERTO-LONGE; FRAGMENTAÇÃO; LIÇAÇÃO; BLOQUEIO E FORÇA), o que nos permite entender e visualizar a complexidade da interacção comunicativa humana, na óptica de Fernando Pessoa, bem como no contexto interlinguístico da sua tradução de inglês para Português Europeu.

#### Observações finais

Tendo por base o elenco das funções da mente humana complexa, enunciadas por Damásio (2017: 142), concluímos que o modelo brandtiano da semiótica cognitiva se revelou de total aplicabilidade à análise de imagens mescladas nos mais diversos tipos de *corpora*, a saber, em notícias desportivas, no discurso empresarial, em textos literários em regime de tradução, pondo a nu os desígnios plásticos e criativos da mente humana, nomeadamente no que respeita à questão da tradução verbal de objectos e acontecimentos, ao recurso à memória e mecanismos de recordação do acervo das culturas, à elaboração de metáforas no âmbito da integração das imagens, ao uso do raciocínio e da imaginação na representação de várias dimensões da experiência humana, bem como no que compete à construção de narrativas abrangentes, integrando elementos de ficção e sentimentos neste vasto mundo das figurações metafóricas da mente humana que desliza, dando saltos.

#### Agradecimentos

Agradeço ao Professor P.A. Brandt o caloroso acolhimento no Centro Semiótico de Arhus, em Abril de 2004, bem como a sua inextinguível disponibilidade e paciência na discussão da aplicação do paradigma da semiótica cognitiva a uma panóplia de textos, por ocasião de diversos eventos científicos internacionais em que nos cruzámos entre 2005 e 2012.

Aos membros do Grupo *Complex Cognition* da PUC-Minas estou grata pelo frutuoso e inspirador intercâmbio científico em diversos eventos académicos em 2017, pelo como pelo convite para elaboração do presente capítulo.

Merecem uma palavra de apreço os alunos de doutoramento em Linguística e em Comunicação e Cultura que, tendo realizado ou estando a realizar a sua investigação em semiótica e semântica cognitivas sob a minha supervisão, na FLUL, Paula Órfão, Rita de Cássia Bastos Arantes, Liao Yiran, Romison Eduardo Paulista (doutoramento-sanduíche PUC-Minas/UL) e Rui Geirinhas, e, sobretudo, Bibiana de Sousa, co-autora de diversas publicações nestas áreas de investigação, me Têm acompanhado nesta viagem pelo mundo da linguagem e cognição.



## Referências bibliográficas

Almeida, M.C. (2002), "*Mens facit saltus*: Elementos para uma Arquitectura Mental da Poética" In: *A Poética da Cidade* (Helena Gonçalves da Silva, org.), Lisboa: Colibri, 75-92.

Almeida, M.C. (2003), "Processos de compressão em construções mescladas: análise semântica de ocorrências do português" In: *Actas do XVIII Encontro da APL* (Mendes, A. & T. Freitas, org.), Colibri: Lisboa, 67-76.

Almeida, M.C. (2004), "More about Blends: Blending with Proper Names in the Portuguese Media", In: *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*, (Silva, A. S. et al., ed.), Coimbra: Almedina, 145-158.

Almeida, M.C. (2005), "A Poética do Futebol: análise de representações mescladas à luz do paradigma das Redes de Espaços Mentais" In: *Dar a Palavra ao Mundo. Estudos de Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela* (Rio-Torto, G. et al., org.) Porto: FLUP, 557-570.

Almeida, M.C. (2006 a), "Blending the Pheno-world with Fiction: the Cognitive Semiotics view" In: *Questions on the Linguistic Sign* (Lima, J.P. & M.C. Almeida, & B. Sieberg, B., ed.), Colibri: Lisboa, 49- 64.

Almeida, M.C. (2006 b), "Blend-Bildungen - und was dahinter steckt" In: *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit* (Schmidt-Radefeldt, J. ,hrsg.), *Rostocker Romanistische Arbeiten* 10, Berlin: Peter Lang, 241-259.

Almeida, M.C. (2010), "Code-switching in Portuguese Sports Newspapers: the Cognitive Semiotics view" In: *Comunicação, Cognição e Media* (Silva, A. S. et al., eds.), Braga: Universidade Católica Editora, v.2, 17-28.

Almeida, M.C. (2011 a), "Architecturing Proximity in Translation. The Artful Mind versus the Shared Mind" In: *Proximidade e Distância. Estudos sobre a Língua e a Cultura* (Franco, M. e B. Sieberg, coord.), Lisboa: Universidade Católica Editora, 110-124.

Almeida, M.C. (2011 b), "More on „forbidden-fruit“ blending: prying into the Portuguese Mind", In: *Cognition and Culture* (Abrantes, A. M. & P. Hanenberg, eds.), Frankfurt/Bern: Peter Lang, 123-142.

Almeida, M.C. (2012), "A Relevância da Relevância em Mesclagens" In: *Nada na Linguagem lhe é estranho*, Homenagem a Isabel Hub Faria (Costa, A. & Inês Duarte, coord.), Porto: Afrontamento, 565-578.

Almeida, M. C. (2016a), "Going Political: multimodal metaphor framings on a cover of the sports newspaper *A Bola* " In: *Scripta*, Belo Horizonte, v.20 nº 40, 2º semestre/2016, 84-98.

Almeida, M.C. (2016b), "Tradução versus transcrição: abordagem cognitiva" In: Almeida, M.C. et al. (2016), *Tradução-Transcrição-Transculturalidade*, Independence: Arkonte Publishing, 1-30.

Almeida, M. C. & Sousa, B. (2010), "Heldenmetaphern in der deutschen und portugiesischen Sportpresse" In: *Revista de Estudos Filológicos Alemanes* 20, Fénix Editora: Sevilla, 243-256.

Almeida, M.C. et al. (2013), *Jogar Futebol com as Palavras: imagens metafóricas no jornal "A Bola"*, Lisboa: Colibri.

Almeida, M.C. & Sousa, B. (2015), "From Monomodal to Multimodal metaphors in the sports newspaper *A Bola*", In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Special Issue: Metaphor and Metonymy in Social Practices* (Gibbs, R.W./L. Ferreira, eds.), UFMG, 2015, 403-420. Disponível em [http:// dx.doi.org/10.1590/1984-639820157138](http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820157138).

Almeida, M.C. & Sousa, B. (2016), "Worldmaking in Rap – predators, fighters, salvagers – a multimodal approach", In: *Multimodality and Performance* (Fernandes, C., ed.) Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 23-37.

Arantes, R. C. B. (2011), *Arquitecturas Espaciais em Textos Poéticos: abordagem cognitiva dos sonetos ingleses de Fernando Pessoa*, Dissertação de Mestrado em Tradução, Lisboa: Faculdade de Letras.

Arantes, R.C.B. (2017), " Tradução de Metáfora: uma abordagem cognitiva do Sonnet I de Fernando Pessoa e da sua Tradução em Português Europeu", *LiLETRAD*, 3 (2017), 271-284.

Brandt, P.A. (2004), *Spaces, Domains and Meanings. Essays in Cognitive Semiotics*, Frankfurt : Peter Lang.

Brandt, L. & Brandt, P.A. (2005), "Making Sense of a Blend: a cognitive semiotic approach to metaphor" In: *Annual Review of Cognitive Linguistics* 3, Amsterdam: J. Benjamins, 261-249.

Damásio, A. (2017), *A Estranha Ordem das Coisas. A vida, os sentimentos e as culturas humanas*, Lisboa: Temas e Debates.

Fauconnier, G. (1997), *Mappings in Thought and Language*, Cambridge: Cambridge University Press.

Fauconnier, G. & Turner, M. (1996), "Blending as a Central Process of Grammar" In: *Conceptual Structure, Discourse and Language* (Goldberg, A., ed.), Stanford: CSLI publications, 113-30.

Fauconnier, G. & Turner, M. (2002), *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*, New York: Basic Books.

Gibbs, R.W. (1999), "Taking Metaphor out of our Heads and putting it into the Cultural World", In: *Metaphor in Cognitive Linguistics* (R.W. Gibbs & G. Steen: eds.), Amsterdam: J. Benjamins, 145-166.

Gibbs, R. W. (2005), *Embodiment and Cognitive Science*, Cambridge/New York: Cambridge University Press.

Gibbs, R.W. (2017), *Metaphor Wars. Conceptual Metaphors in Human Life*, Cambridge/New York: Cambridge University Press.

Geirinhas, R. & M.C. Almeida (2018), "Retratos Oficiais dos Presidentes da República Portuguesa: construções argumentativas de índole metafórica", apresentação ao IV seminário Internacional de Estudos de Discurso y Argumentación, Universidad de Buenos Aires (14-16 de Março de 2018).

Goatly, A. (2007), *Washing the Brain. Metaphor and Hidden Ideology*, Amsterdam: J. Benjamins.

Johnson, M. (1987), *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago: Chicago University Press.

Kövecses, Z. (2005), *Metaphor in Culture. Universality and Variation*, Cambridge/N.Y.: Cambridge University Press.

Kövecses, Z. (2006), *Language, Mind and Culture*, Oxford/N.Y.: Oxford University Press.

Lakoff, G.& Johnson, M. (1980), *Metaphors we live by*, Chicago: Chicago University Press.

Órfão, P. R. S. (2010), *Online Discourse Construction of Enterprise Identity: a cognitive-semiotic approach*, dissertação de doutoramento em Linguística (Linguística Alemã), Lisboa: Faculdade de Letras.

Paulista, R. E. (2017), *Perspetividade e Ação: análise do processamento cognitivo-argumentativo no pronunciamento político de posse*, dissertação de doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa, Minas Gerais: PUC.

Reddy, M. (1993), "The conduit metaphor: a case of frame conflict in our Language about Language" In: *Metaphor and Thought* (ed. A. Ortony), Cambridge: Cambridge University Press, 164-201

Sousa, B. (2011), *Mapeando Mundos no Mundo do Futebol: abordagem semiótico-cognitiva dos Média alemães*, dissertação de doutoramento em Linguística (Linguística Alemã), Lisboa: Faculdade de Letras.

Turner, M. (ed.) (2006), *The Artful Mind: Cognitive Science and the Riddle of Human Creativity*, Oxford: Oxford University Press.

Turner, M. (2014), *The Origin of Ideas. Blending, Creativity and the Human Spark*, Oxford/N.Y.: Oxford University Press.

Yiran, Liao (2017), *Provérbios e Idiomatismos chineses e portugueses à luz da linguística cognitiva*, relatório de projecto de doutoramento em Estudos de Cultura (Cultura e Comunicação), Faculdade de Letras: Lisboa.